

03

**“IGNOTAFEMINISTA-FANTÁSTICA”:
A RAINHA DO IGNOTO (1899), DE EMÍLIA FREITAS**

Laila Correa e Silva

Recebido em 13 out 2022.

Aprovado em 07 fev 2023.

Laila Correa e Silva

Pós-Doutoranda em História, pela Universidade de São Paulo, USPBolsista da Fundação de Amparo à Pesquisado Estado de São Paulo. Número do processo 2022/01227-8.

Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas, 2021.

Participa do LEHA-USP, Laboratório de Estudos de História das Américas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6714495911643763>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2333-5351>.

Email: lailacorreaesilva@gmail.com.

Resumo: O romance de Emília Freitas, *A Rainha do Ignoto: romance psicológico* (1899) apresenta uma personagem notável e enigmática, uma monarca com ideias republicanas e abolicionistas, dotada de poderes sobrenaturais em defesa dos marginalizados, sobretudo as mulheres pobres e vítimas de violência, perpetrada pelos homens. Ao elencarmos alguns dos vários elementos desse romance rico em referências culturais do século XIX, conectamos literatura e história, ao vislumbrarmos o papel da escrita literária como instrumento político para escritoras feministas brasileiras como Emília Freitas e suas contemporâneas.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Emília Freitas. Feminismo. Literatura Brasileira. Escravidão.

Abstract: The novel by Emília Freitas, *A Rainha do Ignoto: romance psicológico* (1899) presents a remarkable and enigmatic character, a monarch with republican and abolitionist ideas, endowed with supernatural powers in defense of the marginalized, especially poor women and victims of violence, carried out by men. By listing some of the various elements of this novel rich in 19th century cultural references, we connect literature and history, as we envision the role of literary writing as a political instrument for Brazilian feminist writers such as Emília Freitas and her contemporaries.

Keywords: Literature by women. Emilia Freitas. Feminism. Brazilian literature. Slavery.

INTRODUÇÃO

Publicado em 1899, o romance *A Rainha do Ignoto: romance psicológico* da cearense Emília Freitas (1855-1908), encerra o século XIX brasileiro com uma obra riquíssima, tanto em fantasia que causa assombro, quanto em realidade, não menos impactante enquanto descrição do imaginário político e social do Brasil do século XIX. A aparente contradição da junção entre fantasia e realidade, numa mesma trama, se desfaz durante a leitura desse romance, repleto de cenas com aparições sobrenaturais, nas brumas dos rios, nas montanhas, grutas e penhascos e também nas cidades do Norte do país, que revelam as violências e desigualdades sociais que assolaram a história nacional, como por exemplo, a escravidão e a violência de gênero, manifestada nas práticas patriarcais dos homens e dos proprietários de escravizados.

Permeada pela discussão sobre a condição das mulheres, muitas delas pobres, vivendo em situações de extrema violência

e miséria, Emília Freitas não foge à historicidade que alimentou a produção dessa obra, bem como ao engajamento da própria autora: abolicionista, feminista, republicana e atuante na política de sua época. Emília Freitas teve uma trajetória intelectual muito interessante para refletirmos sobre a atuação de uma “mulher de letras” ou intelectual engajada em pleno século XIX. Com isso, me refiro à Emília Freitas e à sua literatura como imbuída de uma ‘noção de missão’, que consistia na literatura entendida como proposta estética e projeto político, colocando-se publicamente como uma síntese dos anseios e interesses comuns da sociedade, mais precisamente, defendendo ideias abolicionistas, feministas e republicanas. Tal interpretação do papel social e político da literatura encontra-se no clássico estudo do historiador Nicolau Sevcenko (2003), somente para a literatura produzida por homens, no momento de transição do governo monárquico para a consolidação da República brasileira. Contudo, ao investigarmos a produção literária nacional, sem o recorte de gênero (ou seja, literatura produzida por homens), que informa a concepção mais usual de formação do cânone literário, encontraremos exemplos de intelectuais ativas, combativas e profícuas.

Emília Freitas nasceu em Aracati, no interior do Ceará, em 1855, e com a morte do pai, mudou-se para Fortaleza, onde estudou francês, inglês, história, geografia e aritmética, ingressando na Escola Normal. Sua formação, como a de várias outras intelectuais do período, foi voltada para o ensino e o desempenho da profissão de professora. Em 1873, com dezoito anos, começou a publicar textos na imprensa e poesia nos jornais *O Libertador*, *O Cearense*, *A Brisa* e *A Mocidade* e a *Brisa* (OLIVEIRA, 2007).

O mais notável, para análise d'A *Rainha do Ignoto*, inclusive, foi a participação de sua autora na “Sociedade das Cearenses Libertadoras”, sociedade abolicionista na qual Emília Freitas discursou em sessão solene de instalação:

Exmas. Senhoras!

Antes de manifestar as minhas ideias, peço desculpa a ilustre SOCIEDADE CEARENSE LIBERTADORA para aquela que sem títulos ou conhecimentos que a recomendem vem felicitá-la pela primeira vitória alcançada na ditosa vila de Acarape. Depois imploro ainda permissão para, à sombra de sua imortal bandeira, aliar os seus esforços aos dessas distintas e humanitárias senhoras, oferecendo-lhes com sinceridade os únicos meios de que disponho: meus serviços e minha pena que, sem ser hábil, é sem compensação guiada pelo poder da vontade. (CASTRO, 2019, p. 165)

As ideias defendidas em seu discurso, citadas acima parcialmente, sobre o poder das palavras e da escrita na luta abolicionista, parecem muito similares às falas proferidas por um escravizado de nome Gabriel, no capítulo LII, “O engenho ‘Misericórdia’ o escravo Gabriel e o cigano Rosendo”, de *A Rainha do Ignoto*:

- Medo?! Senhor Rosendo, Gabriel não tem medo, já provou uma vez quando o castigaram por ter lido um folheto que tratava de liberdade, pois apesar de saber que apanharia tantos bolos quantas fossem as páginas de leitura, apenas lhe desincharam as mãos, tornou a lê-lo, embora pagando o mesmo tributo. (FREITAS, 2003, p. 327)

Em 1891, Freitas reuniu seus poemas, dentre os quais nove com o tema da escravidão, no volume *Canções do lar*, publicado em Fortaleza, no ano seguinte lançou *O Renegado*, romance até o

momento não localizado. Em 1901, escreveu a peça teatral *Nossa Senhora da Penha*, encenada em Maranguape, Ceará. Assim, a maior parte de sua produção literária permanece inexplorada atualmente, cabendo às pesquisadoras uma investigação mais aprofundada de suas obras e trajetória¹.

À época de sua publicação, no entanto, o romance recebeu atenção da imprensa e jornais do Recife, dentre os quais *A Província* (1900) e o *Jornal do Recife* (1900) que emitiram pequenas notas elogiosas, evidenciando também algumas críticas e respondendo ao envio da obra para as redações dos respectivos jornais. Já o jornal *A Tribuna do Rio Grande do Norte* (Ano IV, fascículo 5, ano 1900) emitiu resenha detalhada em uma “Carta aberta”, redigida por Antônio Marinho (CASTRO, 2019, p. 171-176).

É um dado recorrente em várias pesquisas sobre autoria feminina, especialmente sobre as escritoras do século XIX brasileiro, o esquecimento ou apagamento de muitas autoras e, por isso, compreendemos que as obras e a biografia de Emília Freitas não estejam acessíveis à grande maioria das leitoras e leitores. Faz-se necessário compreendermos que, geralmente, não temos muito contato com a escrita de autoria feminina ou mesmo, por vezes, não nos atentamos ao fato de que, sobretudo, quando abordamos os “clássicos” da literatura nacional, formadores daquilo que a crítica literária tradicionalmente denominou como clássicos e autores canônicos, estamos

1 Encontramos pouquíssimos estudos sobre Emília Freitas e exclusivamente voltados para a sua obra e trajetória. Citamos aqui OLIVEIRA, Alcilete Cavalcante de. Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908). Tese de doutorado em Literatura Brasileira. Programa de Pós-Graduação em Letras. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2007, que realizou um perfil biográfico da escritora.

falando de uma escrita de autoria masculina – e não somente de “clássicos da literatura nacional”².

A questão do esquecimento, da interdição e do apagamento também serão centrais para Emília Freitas n’*A Rainha do Ignoto*, como veremos adiante, e pontuar essa discussão teórica iluminará nossa leitura do romance, bem como o processo de “redescoberta” da obra de Freitas e de outras escritoras contemporâneas a ela.

Obviamente, a desconstrução da ideia de um cânone nacional, praticamente masculino, foi se alterando ao longo do tempo; mas, isso apenas ocorreu devido à insistência e ao trabalho intelectual árduo de várias escritoras que atuaram em prol de uma pauta política urgente, um feminismo literário engendrado num contexto nacional e internacional de demandas das mulheres, a partir da segunda metade do século XIX. Ou seja, muito provavelmente toda - ou quase toda - escrita de autoria feminina desse período está repleta de temas caros às mulheres e suas demandas políticas e feministas. Por exemplo: igualdade entre homens e mulheres nos âmbitos público e privado, o acesso à educação, trabalho e direitos políticos para o exercício pleno da cidadania, como direito ao voto, aos cargos públicos, dentre outras demandas, mais ou menos específicas.

Ao acompanharmos o que foi produzido nos jornais feministas de fins do século XIX, isto é, a literatura de autoria feminina veiculada por esses jornais³ e a organização das escritoras

2 Para uma discussão mais detalhada, ver: SILVA, Laila Thaís Correa e. *Dos projetos literários dos “homens de letras” à literatura combativa das mulheres de letras: imprensa, literatura e gênero no Brasil de fins do século XIX*. Tese de Doutorado em História Social. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2021.

3 Para um estudo sistemático dos jornais feministas brasileiros do século XIX, ver: DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

engajadas em torno de pautas feministas como as listadas anteriormente, percebemos como a literatura e o movimento de mulheres caminhou lado a lado. Essa constatação vem ganhando cada vez mais peso nas Ciências Humanas, como por exemplo em *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX* (2021), de Verônica Toste Daflon e Bila Sorj. Com isso, podemos levantar algumas hipóteses sobre as razões de um esquecimento ou apagamento de tantos nomes femininos ativos e participantes do cenário político, intelectual e cultural do século XIX. A potência das críticas desferidas pelas escritoras era muito grande. Para quem ler *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas, isto fica ainda mais patente. E por quê? Elementos do feminismo de fins do século XIX saltam pelas páginas do romance, muitas vezes citado como o primeiro romance fantástico brasileiro do século XIX (CASTRO, 2019; OLIVEIRA, 2007).

NO REINO DA IGNOTA

Antes de abordarmos propriamente a obra e seu enredo, fatores necessários para uma familiaridade inicial com a obra de Freitas, devemos considerar, justamente, o apagamento da escrita de autoria feminina no século XIX e como isso implicou na dificuldade de acesso ao conjunto significativo de obras escritas por mulheres⁴, dado notório que a própria Emília Freitas pontuou logo na apresentação de seu romance.

Uma das mais destacadas pesquisadoras sobre imprensa feminista no século XIX brasileiro, Zahidé Lupinacci Muzart (2013),

4 Para um estudo sistemático das publicações de escritoras brasileiras do século XIX, ver: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

explicita que o esquecimento de determinadas escritoras e o papel da crítica contemporânea a elas, ressalta o caráter político desse esquecimento e dessa marginalidade que pesou sobre a literatura de autoria feminina. Assim, as literatas do século XIX não foram excluídas e esquecidas somente por terem sido mulheres, o que já seria um motivo extremamente relevante à época; mas, e, sobretudo, por terem sido feministas, atuantes e críticas às desigualdades de gênero, classe e raça.

Os exemplos citados por Muzart são Josephina Álvares de Azevedo (1851-1913), Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951), Ildefonsa Laura César (1774-1873) e Maria Firmina dos Reis (1822-1917), esta escritora negra e maranhense que com a obra *Úrsula* (1859) teria sido a primeira romancista brasileira. Como contraponto, a autora dá um exemplo marcante, contemporâneo às escritoras acima citadas, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), elogiada primeiramente como um exemplo de mãe e esposa, uma “*escritora-mãe*”, sem ter sido uma feminista militante - dado altamente questionável, acrescento, diante de estudos aprofundados sobre a produção literária e a trajetória de Júlia Lopes (FAEDRICH, 2022, p. 121-122). Outras escritoras, tidas como mais radicais, como Délia, pseudônimo de Maria Benedicta Câmara Bormann (1853-1895) e Josephina Álvares de Azevedo, donas de uma escrita mais ácida e de ideias mais livres, foram completamente apagadas da memória literária. Contudo, de um modo ou de outro, todas sofreram algum tipo de “poda”, maior ou menor, para poderem se encaixar em algum lugar da sociedade literária masculina (MUZART, 2013, p.3).

As pesquisadoras Constância Lima Duarte e Zahidé Muzart foram responsáveis pelo resgate de muitas escritoras do século

XIX brasileiro, especialmente a obra de Emília Freitas. Não vamos nos alongar acerca da questão epistemológica que alimentou o movimento das Letras e dos Estudos Literários, que no interior do GT da ANPOLL “Mulher na Literatura”, consolidou uma área de pesquisa profícua que emana força até hoje. Zahidé Muzart no artigo “A Questão do Cânone” (1995) elenca didaticamente os aspectos de interesse desse campo de pesquisa, questionando o cânone e investigando o que alimenta a sua formação em diferentes épocas:

O estudo do cânone está ligado, pois, a várias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante. Geografia, sexo, raça, classe social e outros. Aquilo que é canonizado em certas épocas, é esquecido noutras; o que foi esquecido numa, é resgatado em outra. (MUZART, 1995, p. 86)

Assim, não estamos restritas à esfera da questão puramente estética da fruição artística, digamos, da leitura do romance *A Rainhado Ignoto*, mas para além disso, outros fatores são mais relevantes para nossa leitura. Para o acesso às obras de Emília Freitas e outras escritoras do século XIX, tais como Ignez Sabino (Maria Ignez Sabino Pinho Maia, 1853-1911), Júlia Lopes de Almeida, Maria Benedicta Câmara Bormann, Andradina Oliveira (Andradina América de Andrade e Oliveira, 1870-1935), foi necessário que Zahidé Muzart fundasse a Editora Mulheres, em Florianópolis. A partir de seu trabalho de pesquisa, edição e estudo sobre escritoras do século XIX, começamos a ter acesso ao universo rico da escrita do século XIX brasileiro pela perspectiva de mulheres, conscientes de seu papel político, cultural e social.

Não podemos deixar de citar Zahidé Muzart, responsável pela fundação da Editora Mulheres, pois foi com sua edição d'A *Rainha do Ignoto*, em 2003, que muitas pesquisadoras tiveram o seu primeiro contato com Emília Freitas. A atualização do texto, introdução e notas foram realizadas por Constância Lima Duarte, importante pesquisadora da obra de Nísia Floresta. Portanto, nos aproximando mais da obra, na edição da Editora Mulheres, Constância Lima Duarte assevera que até 2003 o romance tivera recebido apenas duas edições: a primeira pela Typografia Universal de Fortaleza, em 1899 e a segunda apenas em 1977, pela Secretaria de Cultura e Desporto, juntamente com a Imprensa Oficial do Ceará, em edição preparada pelo professor Otacílio Colares da UFSC (FREITAS, 2003, "Observações sobre a primeira edição"). E na terceira edição, de 2003, da Editora Mulheres, encontramos pesquisa e identificação de erros tipográficos, omissões e outras modificações, cotejando as edições anteriores e ofertando um panorama da circulação dessa obra desde sua primeira publicação.

Atualmente, e felizmente, contamos com muitas edições, ao menos três novas entre 2019 e 2021⁵. Mais do que efemérides comemorativas, o seu retorno às prateleiras, com edições digitais inclusive, pode nos indicar a relevância da obra para questões, tais como as de gênero, que ganham cada vez mais importância para a Literatura nacional e internacional.

Na apresentação ao romance, Emília Freitas mostra uma prática recorrente aos prefácios escritos por mulheres no século XIX, que se colocavam em uma posição de humildade extrema e

5 Edições do romance: Editora Wish (2019); Editora 106 (2019); Editora Minna (2021); Editora Fora do Ar (2021).

reconheciam a inabilidade de suas capacidades intelectuais, ou seja, alguém inexperiente e sem o conhecimento e a erudição necessários para a escrita de uma grande obra (TAKAK, 2014), esta, geralmente, produto de pena masculina. Como podemos conferir, a assertiva da humildade excessiva também sugere uma ponta de ironia, que sinaliza a publicação efetiva da obra, apesar da falta de erudição e talento que alguns críticos poderiam apontar:

Meu livro não tem padrinho, assim como não teve molde. Tem a feição que lhe é própria sem atavios emprestados do pedantismo charlatão. Não é, tampouco, o conjunto das impressões recebidas dos salões, nos jardins, nos teatros e nas ruas das grandes cidades, porque foi escrito na solidão absoluta das margens do Rio Negro, entre as paredes desguarnecidas de uma escola de subúrbio; é antes a cogitação íntima de um espírito observador e concentrado, que (dentro dos limites de sua ignorância) procurou, numa coleção de fatos triviais estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa. (FREITAS, 2003, “Ao Leitor”).

Nas margens do Rio Negro, onde Emília Freitas escreveu *A Rainha do Ignoto: romance psicológico*, narrativa em terceira pessoa, protagonizada pela Rainha do Ignoto ou Funesta e pelo jovem Dr. Edmundo, encontramos lendas, mitos, histórias regionais, hipnose, espiritismo e parapsicologia. Por isso, a autora confessa que os leitores e leitoras achariam a “protagonista demasiadamente extravagante” (FREITAS, 2003, “Ao Leitor”), pois ela sintetiza ideais políticos que eram professados por várias mulheres intelectuais de fins do século XIX. Na verdade, o campo da imaginação exagerada ou o puro “campo da ficção” foi a forma de “realizar os caprichos de sua imaginação raríssima e da propensão

bondosa de seu extraordinário coração” (FREITAS, 2003, “Ao Leitor”), como se o devaneio literário de Freitas solidificasse os anseios de mulheres como a autora e sua heroína. Uma protagonista misteriosa que apenas vai se revelando aos poucos, com múltiplas personalidades, de Rainha Ignota, Funesta e altiva, torna-se, ao fim, uma mártir romântica, que não pode encontrar o amor em vida; semeou pistas de seu temperamento melancólico, apesar de todo o conhecimento científico e sobrenatural que manifestava enquanto soberana das brumas, grutas e penhascos ignotos: “- A natureza tem uma alma. É a alma universal do infinito dos pensamentos dos seres. Em breve meu corpo também entrará para a corrente da vida universal. Mas aonde irá este princípio que em mim pensa, sente e quer?” (FREITAS, 2003, p. 394). Como se com isso, Freitas também sugerisse a efemeridade de sua própria escrita e obra. Em “Ao Leitor”, Emília Freitas nomeia o apagamento histórico sofrido pelas mulheres, citando o exemplo de Joana D’Arc, que apenas obteve notoriedade por ter se tornado praticamente uma lenda, um mito, uma figura “fantástica”: “O feito de Joana D’Arc é um fato que passou para o domínio da história. Mas não nos parece ele uma lenda? Hoje, com mais razão podemos nos apoderar do inverossímil; pois estamos na época do Espiritismo e das sugestões hipnóticas, nas quais fundamentei o meu romance” (FREITAS, 2003, “Ao Leitor”).

Os elementos citados pela autora suscitam a curiosidade da leitora, que em seguida já encontrará as paisagens noturnas das aparições da Funesta ou Rainha do Ignoto. Um breve resumo desta obra é uma tarefa difícil e pode incorrer na quebra do suspense que ela nos provoca durante a leitura. Mas, vamos ao enredo e

suas peculiaridades, que justificam com exatidão a importância da reedição do romance atualmente.

Na aldeia Passagem das Pedras, existia uma lenda que assombrava os moradores locais. A aparição de uma moça bonita, vestida de branco, seguida pelo diabo, que seria como um menino negro de olhos de fogo e uma calda comprida. A moça tinha um canto hipnótico, surgia entre brumas, na serra do Areré. Era temida, um misto de fascínio, medo e aversão rondavam as histórias sobre essas aparições. Alguns a chamavam de A Funesta, e o Dr. Edmundo, jovem bacharel de visita ao local, ficou intrigado com a “lenda” e, no espírito questionador, buscou explicar o evento racionalmente, perseguindo as pistas e informações dadas pelos moradores locais. Até que ele mesmo, avistou uma figura vestida de branco, dentro de um barco nas margens do rio Jaguaribe, e concluiu que a figura realmente existia. Fascinado, ele resolve encontrar a Funesta pessoalmente. Edmundo então começa a investigar o local, aserrado Areré, seus moradores e seu cotidiano, afim de revelar quem seria a moça misteriosa. Ele ficou encantado e aterrorizado: precisava descobrir tudo que esse mistério guardava, de belo e de horrível, em aparições quase sublimes que hipnotizavam os seus olhos e alimentavam as crenças dos moradores locais.

Em uma de suas aparições presenciadas por Edmundo, constatamos a mistura entre o Belo e grotesco:

Quando a embarcação passou por de frente da janela, Edmundo pode contemplar à vontade a formosa bateleira. Ela vestia de branco, tinha os cabelos soltos e a cabeça cingida por uma grinalda de rosas.

[...]

Vinha, ali também assentado no barco da proa, sustentando o remo e movendo-o com perícia, uma figura negra e peluda, feia de meter medo.

E, para mais confirmar a sua parecença com o rei das trevas, o tal moleque tinha uma cauda que, achando pouca acomodação no barco, se tinha estendido pela borda do bote, e parecia brincar na superfície das águas. De espaço em espaço, a enorme cabeça de um cão cor de azeviche aparecia e tornava a ocultar-se aos pés da cantora.

[...]

O Dr. Edmundo era que não saía do pasmo em que o tinha deixado aquela estranha aparição! (FREITAS, 2003, p. 35)

Edmundo ficou impressionado com aquela mulher, e nunca vira nada parecido, nem em suas viagens à Europa, e neste âmbito, também se nota a crítica de Freitas ao tipo social do bacharel, na obra representado pelo moço rico por herança, que desconhecia o interior do Brasil, a história e os modos de enxergar o mundo, próprios às pessoas mais simples, habitantes do interior do Norte do país, trabalhadores, posseiros e escravizados.

O rapaz, então, enfrentou o medo e o espanto, indo até a gruta por onde a Rainha do Ignoto acessava o vilarejo. No capítulo IV, intitulado “A visita à gruta”, a narradora revela o medo que os moradores locais tinham das aparições da Funesta, ao anoitecer. Por exemplo, no diálogo travado entre Edmundo e uma jovem cabreira: “Por que andas ainda aqui a esta hora, Ritinha? Já não tens medo da Funesta?” (FREITAS, 2003, p. 45). Os ambientes em que ela aparecia são descritos como precipícios, montes e desfiladeiros que circundavam a gruta que dava acesso ao reino da Rainha ou Funesta.

Quando Edmundo vai ao encontro da figura que o fascinava, nos deparamos com um cenário que causa medo, com paisagens soturnas propícias à manifestação do sobrenatural, que alimentava as histórias contadas sobre a Funesta. No entanto, algo se dissipa à vista do que parecia apenas encanto, fantasia e fascínio. Todos esses elementos se misturam na mente deslumbrada e confusa do bacharel:

Edmundo partiu cravando as esporas no cavalo; o animal tropeçava nas pedras da ladeira e as folhas secas estalavam-lhe nos cascos; mas ele de cabeça quase a tocar na terra, buscava sempre a direção oposta da que lhe dava o cavaleiro.

[...]

Enquanto subia o monte, ia lendo em todas as pedras do caminho a palavra 'Solitário'. Era bem-merecido o nome, se era ele dado àquele lugar deserto e triste como a própria mágoa.

Chegado ao cimo da ladeira, Edmundo avistou uma pedra a poucos passos; subia-se para ela por degraus naturais que chegavam ao assento daquele rústico trono trabalhado caprichosamente pela mão da natureza. Edmundo estava amarrando o cavalo ao tronco de uma árvore, quando viu assomar no alto da pedra a cabeça negra e felpuda do Terra-Nova, que ele tinha visto no bote, na noite da serenata.

Subiu um montezinho de terra vermelha estrelado de malacacheta ou mica, e escondido por trás de uns arbustos, esperou.

Pouco depois apareceu outro personagem do bote; era um enorme e feio orangotango vestido de marujo e trazendo, pendente do cinturão de couro de lustro, uma pistola. (FREITAS, 2003, p. 47)

Ainda persistindo no encaixo da Rainha do Ignoto, o jovem bacharel presencia mais aparições envoltas em mistério, em outra delas, no capítulo IX, intitulado “‘É poetisa!’ exclamou maravilhado”, a Funesta aparece com todo o requinte de trajes da última moda europeia e “subia os montes de pedra, com ares de princesa, parecia subir os degraus do paço” e em seu olhar, que perscrutava o entorno dos campos, “havia [...] uma vaga melancolia, uma tristeza profunda envolvendo-a toda, como em uma densa atmosfera” (FREITAS, 2003, p. 75). Aqui, toda a solidão e melancolia presentes na paisagem, emanam também de dentro das personagens. A visão das paisagens sublimes e aterradoras permeiam, ainda, a própria escrita da Rainha do Ignoto, que deixava versos espalhados no local, em diálogo com o desconhecido Dr. Edmundo:

- Eu busco, nesse espaço dilatado, O caminho do céu... de outro planeta Para onde meu ser vá transportado, quando quebrar da vida esta grilheta.

Seu eu pudesse sofrer de nostalgia... Que pátria! Que nação seria a minha? Se tudo neste mundo me enfastia... Que afeto posso ter que me definha? (FREITAS, 2003, p. 76)

Edmundo consegue, então, adentrar o lugar “encantado” – a grutado Areré – e se introduz no mundo da Rainha do Ignoto, assumindo o lugar de uma das paladinas. Numa estratégia muito peculiar, o moço traveste-se de uma das seguidoras que era muda, a jovem Odete. As comandantes da sociedade da Rainha Funesta eram apenas mulheres de inteligência e ciência sem comparação. Elas dominavam as artes, a literatura, as ciências de todas as ordens e tinham também conhecimentos sobrenaturais, como a hipnose e a comunicação com os espíritos.

Todas eram adeptas do espiritismo⁶, doutrina formulada pelo francês Alan Kardec (FREITAS, 2003, p. 198), estudavam suas obras e realizavam sessões mediúnicas, que permitam o acesso ao conhecimento do que se passava com pessoas de todo o país, assim, elas conseguiam auxiliar todos que necessitavam.

Isso revela a adesão da própria Emília Freitas à religião e à filosofia espírita. Freitas era editora e fundadora, junto com seu marido, o jornalista Arthúnio Vieira, do jornal espírita *Luz e Fé* (Maranguape, 1901), que tinha como lema “Fere-me, mas ouve-me” (CASTRO, 2019, p. 177), possivelmente referindo-se ao preconceito que os adeptos da doutrina espírita sofriam, bem como às críticas recebidas. N’A *Rainha do Ignoto* podemos entrever esse lema, pois ela e suas Paladinas eram contra todos os valores vigentes na sociedade patriarcal, dentre eles o catolicismo, a monarquia e a propriedade senhorial.

Para tanto é luminosa a apreciação dos capítulos LII, LIII e LIV, nos quais se desenvolve um plano muito bem elaborado para a libertação de cem escravizados do engenho com o sugestivo nome ‘Misericórdia’. As paladinas se transformam em ciganos que se infiltram no engenho e promovem uma grande festa, com espetáculos circenses. No meio de um dos números, aplicaram a hipnose nos espectadores, que dormiram durante uma noite inteira. Ao romper do dia, todos os escravizados haviam fugido junto com as seguidoras da Funesta. A “tragédia” apenas afetou o dono do

6 O espiritismo já era uma religião popular no Brasil de fins do século XIX. Machado de Assis, na série de crônicas “Bons dias!” (1888-1889), publicadas no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, abordou o fenômeno em duas crônicas no ano de 1889, sempre em tom jocoso e crítico, classificando as práticas espíritas como credices ou charlatanismo. Ver: ASSIS, Machado. *Bons dias!* Introdução e notas de John Gledson. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

engenho, enquanto toda a população empobrecida do local voltou para as suas choupanas, como se nada tivesse acontecido.

Enquanto a tropa armada corria no encalço dos escravizados fugidos, “uma pobre velha mendiga”, bendizia os céus pelo ocorrido: “- Deus tarda mas não falta. Foi o braço divino que te vingou a morte, filho de meu coração! Arrimo da pobre velha... Eles irão mendigar como eu, em paga do sangue dos pobres e dos escravos” (FREITAS, 2003, p. 338).

Especificamente no capítulo LV, intitulado “Libertou cem cativos e cativou duas moças”, a leitora encontrará detalhes da organização dos escravizados, comandados por forças místicas e pela fé em “bentos, rosários, medalhas e santinhos” (FREITAS, 2003, p. 339). Os escravizados foram conduzidos para uma das embarcações da Rainha do Ignoto e já tinham um destino traçado “como trabalhadores livres nas fábricas e nos estabelecimentos rurais que a Rainha do Ignoto possuía nos Estados de Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná” (FREITAS, 2003, p. 340).

As mulheres pertencentes à sociedade da Ignoto utilizavam todo o conhecimento das Artes e Ciências para livrar as mulheres de situações de violência, opressão, fome e desalento, em ocasiões chamadas por elas de “assaltos do bem”, quando guerreavam contra a injustiça, para “proteger o fraco contra o forte, entrar nos cárceres para curar os enfermos, lançar-nos às ondas para salvar os naufragos” (FREITAS, 2003, p. 188). No reino da Rainha do Ignoto eram acolhidas em asilos mulheres criminosas, enlouquecidas e desamparadas, bem como homens, igualmente desamparados. Há,

por exemplo, o relato do caso brutal de um infanticídio perpetrado por uma jovem traída pelo que a engravidou (capítulo XXX).

A Rainha e suas Paladinas do Nevoeiro resgatavam mulheres que sofriam violência doméstica, como o narrado no capítulo XLI “Até no monturo e na lama das ruas se encontra um coração de mulher”, no qual uma moça miserável foi encontrada com a cabeça rachada de tanto apanhar do companheiro ciumento.

Em suas viagens com barcos, as Paladinas percorreram o Brasil de Norte a Sul, chegando ao Rio de Janeiro. Em cada um dos setenta capítulos que compõem a obra de mais de quatrocentas páginas, a leitora encontrará um episódio inusitado de fantasia, terror e bravura, protagonizado pela Rainha e suas companheiras.

O âmbito do doméstico torna-se fantástico e a violência sofrida pelas mulheres traveste-se do grotesco que povoa a vida da misteriosa Rainha do Ignoto, revelada aos poucos durante a narrativa e que assume diferentes formas físicas, transmutando-se para salvar mulheres em perigo. Desse modo, assim como Joana D ‘Arc, Emília Freitas construiu uma personagem que “não é na realidade um gênio impossível, é simplesmente um gênio impossibilitado” (FREITAS, 2003, “Ao Leitor”). Impossibilitadas, as mulheres que conseguiram superar tantas adversidades, ou seja, condições históricas concretas parecem aos olhos de alguns como “mitos”, seres extraordinários e, no caso da Rainha do Ignoto, beiram o grotesco, causam terror, assombram a imaginação, principalmente a imaginação masculina tão imbuída dos parâmetros patriarcais do século XIX brasileiro, classificando qualquer mulher que fugisse aos padrões como louca ou demoníaca; o que justamente pesou sobre a Rainha do Ignoto:

“- Isto não é mulher, é o diabo! Exclamou o Dr. Edmundo em desespero” (FREITAS, 2003, p. 140).

Todavia, ao fim, a existência impossibilitada de Rainha do Ignoto se finda como suicídio, numa cena bela e aterrorizante, repleta de sangue, romantismo e idealismo, tão próprios à Rainha e seu reino improvável ou impossibilitado:

[...] tirou de um pequeno estojo de veludo carmesim uma navalha de cabo de ouro com cravação de diamantes e abriu o corpete do vestido, cortou a pele sobre o coração. E entre esta e a víscera palpitante de seu peito, colocou o pedaço de cartão, atestado da sua fraqueza nativa de todas as mulheres do mundo, embora assinaladas pelo gênio ou pela religião dos claustros.

Depois ela tirou de um frasquinho de ouro um líquido com que estancou o sangue que corria sobre a pele de carneiro que ela tinha estendida ao colo. Não haveria estoico com mais coragem. Tão sensível às dores morais, parecia não sentir a violência daquela dor física. (FREITAS, 2003, p. 408-409)

Em sua última aparição para as Paladinas, em sessão espírita, a Rainha do Ignoto surge com o corpo sangrando e repleto de chagas, revelando os segredos sobre a Ilha do Nevoeiro, local sede do reino do Ignoto, que se desfez com a partida do espírito da grande mártir. Segundo a própria Rainha, o Palácio do Ignoto foi:

[...] possessão de todos os espíritos que encarnaram e me precederam na ordem genealógica da família. Ela foi passando de meus avós e deles a meus pais, que me conferiram o governo dela, ainda no período de minha existência terrena. Eles me auxiliaram no meio de ocultá-la dos olhos humanos

e me davam força e sabedoria para governar o meu reino onde só se cuidava da elevação ao caráter do bem do próximo, esse onde a virtude achava refúgio e ante o qual a verdade não recuava com medo de ser batida como vil inimiga. Mas, ah! A ilha do Nevoeiro vai desaparecer por um fenômeno natural. Ninguém o verá. (FREITAS, 2003, p. 415)

E, com isso, a ilha e a Rainha desaparecem para sempre. E qual teria sido o motivo do medo, do pavor e do grotesco que as aparições da Funesta inspiravam nos moradores do Areré? Se a Rainha e suas paladinas apenas buscavam praticar o Bem ao próximo e a luta contra as opressões, talvez o medo fosse a manifestação do desconhecimento ou simplesmente o mistério da ilha do Nevoeiro: nunca revelado aos olhos do povoado.

Por outro lado, toda a erudição e conhecimento científico que o reino da Ignoto encerrava poderia suscitar temor, como por exemplo a possibilidade de mulheres exercerem com maestria qualquer função profissional e política que os homens vetavam veementemente, alegando limitações inexistentes ao intelecto feminino: alegação mais fantástica, grotesca e sem qualquer fundamento do que a própria existência da Rainha do Ignoto, apenas impossibilitada devido aos entraves sociais impostos às mulheres intelectuais, como Freitas e tantas outras escritoras esquecidas que aguardam leituras, estudos e maior divulgação.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Bons dias!* Introdução e notas: John Gledson. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

CASTRO, Carla. *Resquíços de memórias*: dicionário biobibliográfico de escritoras ilustres cearenses do século XIX. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019.

- DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila (Orgs). *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.
- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- FAEDRICH, Ana. *Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres*. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022.
- FREITAS, Emília. *A Rainha do Ignoto*. 3.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A Questão do Cânone. *Anuário de Literatura* 3, 1995.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*. v. 11, n. 1, Florianópolis, 2013.
- OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. 2007. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Letras - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Laila Thaís Correa e. *Dos projetos literários dos “homens de letras” à literatura combativa das mulheres de letras: imprensa, literatura e gênero no Brasil de fins do século XIX*. 2021. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2021.
- TAKAK, Fani Miranda. Retórica e poder: o paratexto prefacial de autoria feminina no Brasil do século XIX. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, p. 446-452, out-dez. 2014.